

## PREFÁCIO

O Centro-Oeste do Brasil sempre surpreende. Há cidades, de adobe e madeira, hoje turísticas, que têm suas raízes alicerçadas no século XVIII, em memórias de famílias cujas primorosas genealogias alcançam bucólicas aldeias portuguesas. É como se essas cidades, à primeira vista, configurassem “ilhas de história”, tecendo teias de tradição, de cultura em meio ao cerrado, e que, após um período áureo de minerações, se mantiveram cochilando até serem acordadas pela agitação do século XX.

É quando novas cidades modernas e planejadas em cimento e aço são criadas, frutos dos novos acordos, da nova sintonia entre políticos regionais e o governo federal. São os novos tempos. Agora o trem, que inspirou Villa Lobos, trouxe ao Centro-Oeste os engenheiros, arquitetos e técnicos que planejam novas cidades e constroem estradas. Nessa nova sintonia, os aviões aceleram a Marcha para o Oeste, sob a regência de Getúlio Vargas, e surgem novos espaços urbanos – também espaços políticos – como Goiânia. Concebem-se Anápolis e Ceres. Da Marcha para o Oeste resultam ainda Aragarças, Nova Xavantina e outras. Num segundo momento e numa nova orquestração, Juscelino Kubitschek retoma o movimento e, além da construção de Brasília, cantada como um novo descobrimento do Brasil,



aquele do sertão, realiza a Operação Bananal, transformada em uma das metas que caracterizariam seu governo.

O sertão do Centro-Oeste foi o palco de repetidos esforços de “construção da Nação”, tanto no plano da ação política como no da literatura, em que Cassiano Ricardo tentava formular uma ideologia de progresso.

Manuel Ferreira Lima Filho retoma esses acontecimentos-temas, ou eventos significativos, mas em uma perspectiva pouco usual: ao invés da análise macrossociológica, ele projeta seu olhar sobre o sentido daquele passado para os que dele participaram.

É com grande prazer que apresento sua estimulante pesquisa que, pela via da memória, articula passado e presente, os velhos e os novos tempos do Centro-Oeste. Filho da confluência de famílias do Araguaia e do Tocantins, a região foi sempre o seu lugar de interesse. Inicialmente, seguiu em busca dos Karajá, seu tema de vários anos. Mas, ao alcançá-los, deparou-se também com um outro mundo, o do passado retido no presente. Com efeito, pode-se afirmar que o tema da memória lhe foi imposto por sua sensibilidade etnográfica, quando, em plena Ilha do Bananal, ele se depara com ruínas. São as ruínas de um hotel – o Hotel Turismo JK ou Hotel JK. Essas ruínas iriam constituir o marco inicial da redefinição de seu objeto de estudo, quando o tema da memória passa a impor-se.

Partindo daquelas ruínas – que, veria ele depois, são um dos “espaços âncora” da memória e identidade dos que se pensam como pioneiros e como atores do “processo civilizador” iniciado por Vargas –, Manuel foi conduzido pela nostalgia de seus interlocutores para outros marcantes “lugares de memória”. Em seu conjunto, estes lhe apresentaram uma particular vivência do Centro-Oeste e, construindo a identidade dos pioneiros, construíram também o texto que aqui apresento com grande entusiasmo.

Descoberto seu tema, Manuel o persegue no tempo/espaço e atinge a Expedição Roncador-Xingu, iniciada em 1943; noutra direção, encontra, em Nova Xavantina, já nos anos 1990, a Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste, forjada em “comunidade de memória”. Participando da festa, dialoga com a comunidade.

A busca da memória das Expedições da Fundação Brasil Central entre 1943 e 1967 e, em particular, a da Expedição Roncador-Xingu, aponta para o fato de que a

“multiplicação de espaços nacionais, operacionalizada pelo governo de Getúlio Vargas no interior do país, tem seus vetores históricos. Da mesma forma que a

imagem do Presidente estava nas paredes de Aragarças, as explicações de Vargas e dos ideólogos de seus governos sobre as razões de marchar para o Oeste estão arquivadas na memória dos pioneiros da região”.

Com insistência e perspicácia, Manuel foi descobrindo, revelando a memória dos últimos representantes de uma geração passada. Essa memória foi cuidadosamente garimpada a partir dos depoimentos daqueles pioneiros, os modernos bandeirantes e seus descendentes. Em outros termos, ouvindo quem de fato marchou para o Oeste, conseguiu “passar do mito para o rito, do texto para o contexto e da história para a memória”.

Ressalte-se que, se cada pioneiro é guardião de suas próprias memórias, ao mesmo tempo que compartilha a de outros – via de regra pela oralidade – constitui-se, como já disse, uma comunidade de memória. Compartilhando estojos de memória, constroem-se estojos de identidade. Mas o presente livro vai além, pois desvenda também outra memória, aquela do plano da literacidade e da instância institucional-governamental.

Aos depoimentos, cartas e outras evidências particulares desses pioneiros, Manuel agrega uma significativa pesquisa documental histórico-sociológica. Contrapõe diferentes fontes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro a outras de Brasília, Goiânia e municipais; incorpora jornais e revistas da época, material fotográfico e de cinema. Com isso, alcançou a memória tanto daqueles que viveram a experiência da Marcha para o Oeste, como se aproximou daqueles que a conceberam. Enriquecendo seu trabalho com várias fontes de dados, que partem de pontos de vista distintos, mas complementares, ele assegura o rigor acadêmico de seu trabalho, sem contudo incorrer em qualquer rigidez ou engessamento analítico.

\* \* \*

Seu objetivo central é focar a memória desses “pracinhas da Marcha para o Oeste” que, em seu imaginário e de forma análoga aos seus contemporâneos “pracinhas da Itália” e “soldados da borracha” nos seringais, enfrentaram regiões inóspitas e desconhecidas, doenças, feras e índios bravios.

Ele reconstrói cuidadosamente cada passo, cada momento da trajetória desse grupo de pioneiros que, no contexto autoritário e militarizado da Segunda Guerra Mundial, obedecia às determinações do Presidente Vargas de conquistar o sertão desconhecido, eliminando destarte os “espaços vazios”, ameaça à integridade nacional.



Esses eram também espaços vazios na memória. Manuel aponta para uma peculiaridade interessante: a “amnésia estrutural” identificada na memória do grupo em relação ao período anterior à Expedição Roncador-Xingu. Omite-se a presença de posseiros pobres, garimpeiros e índios na região. Omitindo aquela presença, esse “esquecimento” é parte da configuração atual da identidade do grupo, construída pela reconstrução do tempo. Representando a si mesmos como “pracinhas”, como heróis civilizadores, instauradores da cultura em plena natureza, o sertão teria de ser um vazio.

À medida que Manuel sintoniza a região, ele, de forma perspicaz, revela que se os pioneiros-expedicionários hoje não mais ocupam espaço na estrutura de poder político partidário das cidades, eles, no entanto, desfrutam do reconhecimento simbólico que lhes é conferido pelas comunidades, quando se agregam e se afirmam pela via de manifestações simbólico-rituais, como a Festa do Pioneiro da Marcha para o Oeste. Essa festa, uma “reinvenção da tradição”, como bem ressalta o autor, constitui um esforço de revitalização da memória do grupo. Por meio dela, aqueles pioneiros a cada ano são revividos como heróis, ao mesmo tempo em que lutam pela preservação do patrimônio ameaçado, quer dizer, pela materialidade dessa mesma memória. A festa torna-se, assim, um evento estruturado e estruturante.

A festa, ademais, formaliza a reação do grupo em face da história e em busca da re-construção de sua identidade. O biênio 1987/88 é, nesse contexto, marcante: de um lado, desaparece Juscelino Kubitschek e com ele o líder desses pioneiros; de outro, realiza-se a primeira festa, um esforço no sentido de neutralizar os efeitos negativos provocados pela extinção da Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO), sucessora da Fundação Brasil Central.

Mas a excelente pesquisa de Manuel, agora livro, não se limita a isso; acrescenta uma nova dimensão à discussão da memória desses pioneiros: o próprio livro é uma forma de manter a sua memória – fala da memória ao mesmo tempo que a configura como texto. Se o livro é editado, seu autor edita as falas da memória e se torna, ele mesmo, uma de suas vozes.

Finalizo esta apresentação, enfatizando que – se o tema memória dos pioneiros do Centro-Oeste constituiu o *leitmotiv*, isto é, o eixo condutor da pesquisa do acadêmico professor Dr. Manuel Ferreira Lima Filho – para Manuel, a pessoa, ex-aluno, hoje colega e amigo, o Centro-Oeste certamente sempre será seu *liebmotiv*, quer dizer, será seu motivo de amor, de dedicação, respondendo ao apelo de suas origens.

Fui sua orientadora quando ele construía sua tese de doutoramento e foi, com satisfação, que apresentei tal tese ao exame de uma banca sabidamente rigorosa. Hoje, é com renovado prazer que apresento o livro ao leitor, certa de que ele dá nova vida a um acontecimento do passado.

Ellen F. Woortmann